

TRABALHO E AFETIVIDADE

Taciano Luiz Coimbra Domingues*
Mariana Rosa Cavalli Domingues

Introdução, Objetivo E Método

Nos dias atuais ocorre um fenômeno interessante entre o trabalho e a afetividade, criou-se uma convenção sócio-cultural que ambos não podem se misturar. Isso pode ser verificado nos vários conselhos que ouvimos por aí, por exemplo: não misture amor com negócios, não se envolva com seus colegas de trabalho, onde se come o pão não se come a carne. Essas regras não existem apenas no campo informal, mas também no formal, onde várias empresas possuem regras que proíbem o relacionamento afetivo entre seus membros, até mesmo leis que impedem de trabalhar integrantes da mesma família em organizações. Dessa forma, através de uma revisão da literatura buscou-se identificar pontos importantes do binômio trabalho/afetividade.

Resultados e Discussão

Numa visão sócio-histórica da existência humana, entendemos que as leis e normas sócio-culturais são construídas ao longo do tempo; e isso inclui o trabalho. Se investigarmos com atenção na história da humanidade em relação ao trabalho, descobriremos que em muitas épocas houve um entrelaçamento entre trabalho e afeto.

Em algumas etnias primitivas, como os índios, observamos que o trabalho é/era feito por um grupo que normalmente fazia parte da mesma família ou da mesma tribo, onde todos tinham um grau de parentesco (Londono, 2006).

Aries (1981) relata que na Idade Média, existiam as oficinas onde os Mestres e os Aprendizes viviam juntos, na mesma casa, sendo que o Mestre ensinava além do ofício, uma conduta moral.

No Brasil colonial, as damas de companhia, amas de leite e escravos que trabalhavam na Casa Grande, geralmente conviviam com a família do Senhor de Engenho, interagindo muitas

vezes na dinâmica familiar. Existe o resquício disso nas empregadas domésticas em que muitas vezes moram com os patrões, dando opiniões sobre os membros familiares (Codo, 1999).

Com o advento da fábrica na revolução industrial, surgiram leis que impediam as mulheres dos funcionários de frequentarem as fábricas. Nesse momento histórico, também houve a consolidação da família burguesa, onde o afeto (carinho, cuidado) deve se restringir ao ambiente familiar.

Um modelo de produção bem vigente na época era o modelo Taylor-Fordista que proibia a interação entre os trabalhadores, consolidando um dos pressupostos máximos do capitalismo que é a divisão entre a esfera pública (racionalidade, formalidade, recato, trabalho etc.) e privada (afeto, carinho, cuidado, emotivo, família entre outros).

Os conceitos de esfera pública e privada da vida têm sido centrais no pensamento político do Ocidente ao menos desde o século XVII. Em alguns aspectos, eles têm sua origem no pensamento grego clássico. Em grande parte da corrente predominante da teoria política hoje (em contraste com a teoria feminista), esses conceitos continuam a ser usados como se não fossem problemáticos. Argumentos importantes nos debates contemporâneos dependem da suposição de que questões públicas podem ser facilmente diferenciadas de questões privadas, de que temos uma base sólida para separar o pessoal do político. Algumas vezes explicitamente, mas mais frequentemente de maneira implícita, perpetua-se a idéia de que essas esferas são suficientemente separadas, e suficientemente diferentes, a ponto de o público ou o político poderem ser discutidos de maneira isolada em relação ao privado ou pessoal (Okin, 2008, 305).

Sobre o modelo de produção industrial defendido por Taylor, a **Teoria administrativa científica**, podemos dizer que este é um sistema que acreditava economizar trabalho produzindo mais em menos tempo. Nessa teoria o homem era visto com aptidões (perfil), individualizado, não se considerando o social. O homem precisa de motivação para fazer um bom trabalho, sem incentivo esse homem se torna ineficiente. Este homem num ambiente formal produz mais. Deve-

se selecionar esse trabalhador por uma seleção e promover um treinamento para que seja eficiente (produza mais). Na questão a responsabilidade, o trabalhador é tão responsável por seus erros quanto a chefia. O trabalhador para produzir mais precisa ser especializado, produzir apenas uma parte do produto final, não tendo contato com todas as etapas da produção, nem com o produto terminado (Albiazzetti, 1998).

Depois de dessas considerações sobre a historicidade do trabalho, nos ateremos ao conceito de afeto. Essa palavra vem do latim *affectu* (afeta, tocar), sendo a materialidade desse comportamento as: emoções, sentimentos e paixões, que causam dor e prazer, raiva e alívio criação e destruição, alegria ou tristeza. O afeto pode aparecer de forma isolada (monovalente), de forma dual (bivalente) e de forma grupal (polivalente).

Para Codo (1999) quando o homem age sobre o meio em que ele vive, o transformando, além do movimento ação-reação ocorre uma significação. Esta significação gera um sentimento e/ou emoção. Essa sensibilidade abre possibilidade para a subjetivação e um investimento afetivo. Um artesão ao produzir um produto, ao mesmo tempo em que ele possui um valor concreto baseado no custo dos materiais utilizados na sua confecção, também existe os significados, a criatividade, o gosto, a satisfação em ter produzido esse objeto. Podemos falar de um valor sentimental.

O homem ao se relacionar com o mundo imprimindo-lhe uma marca, além de despender uma energia física nesse processo, ocorre também o dispêndio de uma energia psíquica, sendo esta a significação do que este homem está fazendo.

O trabalho humano se dá justamente neste terreno de dupla troca entre objetividade do mundo real, que concretiza o ato para o indivíduo, e a subjetividade do homem, que atribui um significado ao mundo real ao modificá-lo através da sua ação (Codo, 1999, p. 52).

O trabalho permite que o homem entre em contato com o mundo que o cerca, com sua materialidade, com os outros homens, conseguindo enxergar que também é homem, se

humanizando, concomitantemente formando sua subjetividade que lhe individualizará desses mesmos homens.

Por mais que se busque barrar essa afetividade no trabalho, o trabalhador acaba carregando essa afetividade para esse ambiente, através de lembranças, modo de falar, frustrações. De forma que o trabalho acaba englobando a tensão de uma objetividade (expressada pela modificação material de algum material), e uma subjetividade (significação dessa objetivação). O trabalho de um pintor consegue conciliar essas duas estâncias, pois ele faz quadros, que são além da transformação de materiais, a expressão de seu gosto, talento, individualidade. Já um pedreiro da construção civil, apenas exerce uma atividade física, não conseguindo expressar sua subjetividade da mesma forma, contudo ela pode aparecer pelo seu estilo de trabalhar o cimento (Codo, 1999).

O cuidado, que é uma das expressões mais fortes do afeto, é uma relação entre dois seres humanos cuja ação de um resulta no bem estar do outro. Sendo que essa ligação pode ser englobada como trabalho, pois se encaixa na definição de trabalho usada nesse estudo. Na medida em que um indivíduo cuida do outro, este se transforma. Como exemplo, podemos pensar uma mãe que cuida do filho recém-nascido. Quando ela vê o desenvolvimento corporal do seu neném, ela se sente satisfeita, mesmo havendo grande trabalho na maternagem (Soifer, 1983).

Conclusão

Quando não acontece um vínculo afetivo com o trabalho, a dinâmica ação-reação e significação (afeto) não ocorrem, uma tensão psíquica aparece gerando sofrimento psíquico.

Por exemplo, o vínculo entre namorados vai se construindo através de significados, que causam bem estar. Como o poeta diz “pessoas apaixonadas são mais bonitas”. Contudo se essa relação afetiva se torna problemática, o cuidado que faz parte do comportamento passional e pode ser considerado trabalho, não se efetiva surgindo o sofrimento psíquico na relação.

Outro exemplo é o dos trabalhadores da saúde, especificamente os enfermeiros. Para esses profissionais exercerem bem a sua função precisam ter bons vínculos com seus pacientes.

Se esse vínculo não é saudável, ocorre um sofrimento que se traduz em indiferença e frieza diante do sofrimento alheio.

Contudo o mais prejudicado nessa relação pode não ser quem sofre a ação e sim quem a exerce. Isso acontece por que se a conexão trabalho e afetividade não se fecha, o sofrimento psíquico se faz presente, prejudicando a saúde mental do trabalhador.

Referências

Albiazzetti, G. (1998). *Investigação metalinguística sobre as teorias tradicionais da Organização*. Londrina: UEL.

Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Codo, W. (Org.). (1999). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes.

Fleury, M. T. L. (1992). Relações de trabalho políticas de gestão: uma história das questões atuais. *Revista de administração*. 27(1), p. 5-15.

Guareschi, P. A. (1993). *A fala do trabalhador*. Petrópolis: Vozes.

Londono, F. T. (2006). Trabalho indígena na dinâmica de controle das reduções de Maynas no Marañón do século XVII. *História*. 25(1), p. 15-43.

Okin, S. M. (2008). Gênero, o público e o privado. *Estudos Feministas*. 16(2), p.305-332.

Sennett, R. (2001). *O declínio do homem público: tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.